

Um Estudo de Caso de Margens Brutas e Custos de Produção de Alface, Couve, Tomate e Cebola entre os Horticultores que Abastecem o Mercado de Maputo

Jennifer Cairns Smart

Baseado nos dados obtidos das várias visitas de estudo sobre hortícolas realizadas em 2014 como parte da parceria trilateral entre Moçambique, Brasil e Estados Unidos, este *flash* caracteriza os custos, as vendas e margens brutas de alface e couve nas Zonas Verdes de Maputo, bem como da cebola e do tomate nos distritos vizinhos de Moamba e Boane que abastecem o mercado de hortícolas de Maputo. Uma tipologia de sofisticação tecnológica classificada dos agricultores abrangidos neste estudo é usada para desagregar e comparar os resultados. Os resultados indicam que, dentro de cada faixa de sofisticação tecnológica, os custos mais elevados estão correlacionados aos rendimentos brutos mais baixos obtidos. O maior custo dos que ganham as maiores margens brutas por quilograma colhido nas culturas verifica-se nas sementes e/ou plântulas, e esses agricultores também evidenciam uma maior parcela de custos relacionados à mão-de-obra, em especial a mão-de-obra assalariada. Os Produtores das Zonas Verdes tendem a vender uma maior parcela da sua produção em comparação com os produtores de Moamba e de Boane. E, finalmente, os custos envolvidos na compra de pesticidas são geralmente baixos em todos os grupos, porém os produtores que gastam mais com pesticidas por quilograma do produto colhido tendem a ser caracterizados por percepções menos adequadas sobre a toxicidade de pesticidas e um comportamento geralmente menos adequado no que tange ao manejo de pesticidas.

INTRODUÇÃO: As estimativas do custo de produção são úteis para a avaliação dos gastos do produtor. Contudo, servem também como valiosos indicadores de oportunidades para a melhoria da gestão dos estabelecimentos produtivos, das iniciativas de prevenção de risco, das políticas públicas e dos programas governamentais. Em qualquer sector económico de uma determinada área geográfica, a caracterização e a estimativa dos custos de produção são essenciais para o direccionamento de estratégias do desempenho privado e público (Cribb, por publicar). Neste flash, caracterizam-se os custos, as vendas e as margens brutas da alface e da couve nas Zonas Verdes de Maputo, e da cebola e do tomate nos distritos vizinhos de Moamba e Boane que abastecem o mercado Maputo em hortícolas, usando os dados obtidos das várias visitas de estudo de 2014 sobre hortícolas, realizadas como parte da parceria

trilateral entre Moçambique, Brasil e os Estados Unidos. Uma tipologia dos agricultores é então usada para desagregar e comparar os resultados.

ÁREAS DE PRODUÇÃO E

AMOSTRAGEM: As áreas de produção de hortícolas dos distritos de Matola, Ka Mubucwane e Ka Mavota são normalmente chamadas de Zonas Verdes de Maputo. A produção nestas áreas muitas vezes é realizada dentro ou perto das fronteiras administrativas do município e na maioria dos casos por pequenos agricultores (tipicamente num terreno de 0,1 ha), que produzem principalmente vegetais de folhas verdes por via de irrigação individual. Em contraste, os distritos de Moamba e Boane, caracterizam-se principalmente por áreas de irrigação centralizadas (blocos) em que os agricultores com áreas de terra maiores produzem tomate, cebola, repolho e outras

culturas. Um grupo menor de agricultores em Moamba e Boane opera com base em irrigação individual ao longo dos rios, fora dos blocos. Referimo-nos a este último grupo como os produtores dispersos desses distritos. A propriedade da terra entre estes dois tipos de agricultores tem, em média 2,3 ha. (Cairns et al., 2013)

Devido à distintiva diferença entre os sistemas de produção em cada zona, a amostragem foi estratificada para representar todos os produtores com menos de cinco hectares de terra cultivada com hortícolas em cada zona. Os produtores dispersos de Moamba e Boane aparecem mais comumente entre os agricultores menos tecnologicamente sofisticados nesses distritos. A alface e a couve foram seleccionadas como as culturas de estudo dentro das Zonas Verdes de Maputo (ZV), e o tomate e a cebola como as culturas de estudo dentro dos distritos de Moamba e Boane (M/B), com base na maior frequência de culturas produzidas nas respectivas áreas. Estes ciclos de cultivo são distribuídos por 4 "grupos" de agricultores classificados de acordo com uma série de indicadores de sofisticação tecnológica por tipologia de agricultores criada usando os dados do estudo de base realizado por este mesmo projecto em 2013 (ver tabela 1).

Tabela 1: Culturas e grupos considerados neste estudo (grupo 1 representando o grupo de produtores menos tecnologicamente avançados)

Grupo da Tipologia	Crop				Total
	Cou-ve	Alf-ace	Ceb-ola	Tom-ate	
1	0	0	2	4	6
2	1	4	0	0	5
3	4	5	0	0	9
4	0	0	4	3	7
Total	5	9	6	7	27

Visto que a maioria dos agricultores em Moamba e Boane caiu nos agrupamentos

maiores e menores em todo esse espectro, somente produtores dessas áreas foram seleccionados a partir de grupos 1 e 4 para o estudo. Da mesma forma, visto que a maioria dos agricultores nas Zonas Verdes caiu nos dois grupos médios, somente produtores das Zonas Verdes foram seleccionados entre os grupos 2 e 3. Veja o *flash 70E* para mais detalhes sobre como essa tipologia foi formada e os traços que caracterizam os agricultores em cada grupo. Existem 5 ciclos de couve, 9 ciclos de alface, 6 ciclos de cebola e 7 ciclos de tomate ao longo dos agrupamentos de fragmentação incluídos neste estudo. Cada ciclo da cultura abrange todas as actividades que vão desde a preparação da terra e plantio, até à colheita na área plantada.

ESTIMATIVAS DA MARGEM BRUTA

POR CULTURA: Das 4 culturas seleccionadas deste estudo, a produção de tomate variou mais em termos de margens brutas. Portanto, esse grupo de ciclos de cultivo foi dividido em dois grupos distintos - ciclos de tomate dos produtores no grupo 1, o grupo menos sofisticado tecnologicamente, e os que se encontram na outra extremidade do espectro, no grupo 4. As margens brutas por quilograma do produto colhido são maiores para o tomate dos agricultores do grupo 4 (média de 5/9 MT/kg), seguidas pelas da cebola (por agricultores do grupo 1 ou 4, média de ~ 6/5 MT/kg), da couve (3/4), da alface (1,5 / 2), e do tomate por agricultores do grupo 1 (-1,5 / .5), veja tabela 2.

As estimativas de margem bruta podem variar muito entre os ciclos de tomate representados visto que muitos desses produtores enfrentam dificuldades para vender aos mercados a preços que cubram os custos e/ou não são capazes de superar as pressões trazidas por pragas e doenças que afectam estas culturas que são as mais susceptíveis. No entanto, fica evidente que os produtores de tomate destas áreas que conseguem obter colheitas bem-sucedidas têm

algumas das maiores estimativas de margens brutas por quilograma nos ciclos em estudo.

As margens brutas por metro quadrado do produto colhido são maiores para a couve (média de 14/16 MT/m²), seguidas pelas da alface (6/7 MT/m²), do tomate produzido pelos

agricultores do grupo 4 (3/5 MT/m²), da cebola (~1 MT/m²), depois, do tomate produzido pelos agricultores do grupo 1 (-.5/0,2 MT/m²). Isso ocorre porque os produtores da couve e da alface das Zonas Verdes tendem a cultivar pequenas áreas de terra, mas de forma muito intensa.

Tabela 2. Estimativas de margem bruta por cultura

		Obs.	Margem Bruta (MT/kg)				Margem Bruta (MT/kg), incluindo mão de obra			
			Média	Medi	Min	Max	Média	Medi	Min	Max
Zonas Verdes	Couve	5	4.3	4.2	2.2	5.7	3.8	3.9	1.4	5.7
	Alface	9	2.8	1.9	-0.5	8.9	1.5	1.4	-5.8	8.9
Moamba/Boane	Cebola	6	7.2	6.3	3.0	14.1	5.1	5.4	-5.9	14.1
	Tomate-Grup 1	4	-2.2	1.0	-15.2	4.4	-3.4	-1.4	-15.2	4.4
	Tomate-Grup 4	3	6.6	8.8	-0.7	11.7	4.1	5.4	-1.8	8.8
		Obs.	Margem Bruta (MT/m ²)				Margem bruta (MT/m ²), incluindo mão de obra			
			Média	Medi	Min	Max	Média	Medi	Min	Max
Zonas Verdes	Couve	5	16.5	16.4	10.1	23.4	14.6	14.0	6.6	23.4
	Alface	9	11.2	7.5	-2.2	38.4	6.3	6.4	-23.7	38.4
Moamba/Boane	Cebola	5	1.5	0.9	0.5	4.0	1.1	0.7	-0.7	4.0
	Tomate-Grup 1	4	0.0	0.2	-1.4	1.0	4.0	-0.6	-0.6	-1.4
	Tomate-Grup 4	3	3.9	5.6	-0.1	6.3	2.6	3.4	-0.3	4.7

* A mão-de-obra inclui uma estimativa da porção de ajuda assalariada permanente, bem como o trabalho temporário ou contratado para actividades relacionadas com a colheita. Não inclui uma avaliação do trabalho familiar.

Para contextualizar essas estimativas gerais, os custos totais médios e os valores de venda por quilograma e por m² para cada categoria de cultura são apresentados na tabela 3 no fim deste relatório. Os custos por quilograma são maiores entre os ciclos de tomate do grupo 1 – o menos desenvolvido – (8,5 MT/quilograma colhido), seguidos pelos da cebola (7,3), do tomate (6,4), da alface (2,9) e da couve (0,9) do grupo 4. Os custos por metro quadrado, no entanto, apresentam uma história diferente, com ciclos de cebola tendo o menor custo total por metro quadrado (1,9 MT), seguidos pelos do tomate do grupo 4 (2,1), do tomate (2,5), da couve (18,4), e da alface (21,3) do grupo 1. Da mesma forma, os

valores totais de venda por quilograma (antes de os custos serem levados em conta) são maiores para os ciclos de cebola, seguidos pelos do tomate do grupo 4, dos ciclos de tomate, da couve e da alface do grupo 1. Os valores totais de venda por m² são maiores para a alface, seguidos pelos da couve, do tomate do grupo 4, da cebola e do tomate do grupo 1. É interessante notar, entretanto, que quando os custos e as vendas são isolados por grupos (agrupamento de ambas as culturas dentro de cada grupo), os custos mais elevados estão correlacionados com a menor renda bruta ganha (tabela 5).

ESTIMATIVAS DE CUSTO POR CULTIVO E POR GRUPO: Os custos reportados pelos

produtores são divididos nas categorias que se seguem e padronizados pela quantidade dos produtos colhidos: sementes, plântulas, fertilizantes, pesticidas, mão-de-obra assalariada, trabalho temporário/contratado, e outros. (Veja as tabelas 3 e 5).

Entre estes, os custos com fertilizantes são maiores no caso dos produtores da couve e da alface em termos do valor investido (0,3 e 0,4 MT por quilograma, respectivamente, ou 1,3 e 1,4 MT por m²), e, correspondentemente, a maior parte dos gastos entre os ciclos da couve é com fertilizantes (42%), seguidos de gastos com trabalho permanente (27%). A maior parte dos gastos entre os ciclos de cultivo da alface, porém, é com plântulas (25%), seguidos por gastos com as sementes (20%, em comparação com fertilizantes em 17%). Os produtores de alface e couve do Grupo 2 gastam cerca de mais de 3 vezes do valor total com fertilizantes em relação aos produtores do grupo 3 – uma média de 3,3 MT por m² do produto colhido (0,7 MT por quilograma colhido) em comparação com uma média de 1,3 MT por m² (0,3 MT por quilograma). Ademais, ao passo que os produtores do grupo 3 registam a maior parte de suas despesas com custos combinados de sementes e plântulas (46%), os produtores do grupo 2, caracterizados por níveis predominantemente médios das percepções adequadas e precauções na utilização de pesticidas (especialmente em comparação com seus homólogos do grupo 3), apresentam a maior parte de suas despesas na aquisição de pesticidas (32%), sendo que seus gastos com pesticidas são de quatro a oito vezes maiores por valor unitário; em seguida encontra-se uma parte das despesas de 31% feitas com fertilizantes (veja as tabelas 5 e 6).

Embora os gastos com pesticidas sejam menores em todas as categorias das despesas e ciclos de cultivo considerados neste estudo (não chegam a estar além de 4 MT/quilograma colhido), os

ciclos de alface apresentam a maior parte das despesas com pesticidas em todas as categorias dos custos – 18% contra 9% no caso da couve, 5% do tomate dos produtores do grupo 4, e 0% da cebola ou ciclos de tomate do grupo 1 (Tabela 4).

Os maiores gastos registam-se nas plântulas no caso de produtores de tomate e cebola em termos de valor investido, seguidos pelos gastos com sementes. Os custos das plântulas são 3,5MT, 1,2MT e 2,2MT por quilograma colhido para o grupo de tomate 1, o grupo de tomate 4 e os ciclos de cebola, respectivamente. A maior parte das despesas tanto para a cebola como para o tomate dos produtores do grupo 1, correspondentemente, é com sementes e plântulas (combinado em 52% e 59%, respectivamente – tabela 4), com esta parte a chegar aos 66% no caso das sementes e plântulas dos produtores do grupo 1 (tabela 6). Os vendedores de tomate e de cebola no grupo 1 (os agricultores menos avançados tecnologicamente) gastam em média valores 5 vezes maiores com plântulas do que os do grupo 4 – um valor médio de 4.1 MT em comparação com 0,6 MT por quilograma do produto colhido.

Os maiores custos na categoria "outros custos" também encontram-se entre os ciclos de tomate e cebola. Estes custos incluem o transporte, as taxas do uso da bomba de água, aluguer de tractor ou o custo de um novo pulverizador por época, regadores ou quaisquer outros equipamentos adquiridos para uso no campo de cultivo. Para o tomate do grupo 4, este custo por quilograma é ligeiramente maior do que o custo das plântulas (1,3 MT/quilograma colhido), impulsionado principalmente pelos custos no transporte de produtos em grandes quantidades para o mercado, e ocupa uma quota de 17% da carteira global do grupo.

Os custos pelo trabalho assalariado ou contratado/temporário estão entre os menores

custos atribuídos a estes ciclos da cultura em geral, em termos de valor gasto e de quotas, embora estes custos não incluam a omissão óbvia de qualquer avaliação do trabalho familiar no campo de lavoura (em 86 % do tempo, pelo menos dois membros da família são reportados como tendo estado envolvidos na produção de hortícolas como a sua actividade principal e muitos outros reportaram ter contado com ajuda adicional de outros membros da família, de acordo com os dados do estudo de base). Nenhuma categoria de cultura ultrapassou uma quota de custo combinado de 27% nos gastos com o trabalho, excepto no caso dos ciclos de tomate do grupo 4, onde a quota de mercado conjunta de 49% das despesas incorridas foram gastos na contratação do trabalho temporário (19%) ou permanente (30%), a maior a quota de mercado conjunta das despesas para este grupo (tabela 4). Entre os ciclos globais do grupo 4 (incluindo os ciclos de cebola do grupo 4), as mesmas quotas do custo são gastas com o trabalho temporário/permanente e com sementes/plântulas, tanto a uma quota de 34%, em contraste com os produtores do grupo 1, que apresentam uma clara maioria dos seus gastos em sementes e plântulas somente (66%), e apenas 15% no trabalho, principalmente trabalho temporário (tabela 6).

QUOTAS DA COLHEITA VENDIDA: Em comparação com outras áreas do nosso estudo que abastecem o mercado das hortícolas de Maputo nas Zonas Verdes periurbanas, os produtores nesses dois distritos vizinhos, têm tipicamente maiores parcelas de terra cultivada. Mesmo os produtores que vivem nessas áreas que se encontram incorporados no grupo 1, os agricultores menos avançados tecnologicamente, dedicam áreas médias de terra de 170 metros quadrados à produção de culturas seleccionadas de interesse, em comparação com os agricultores das Zonas Verdes considerados mais avançados tecnologicamente, que têm áreas médias de terra

cultivada de 14 metros quadrados no grupo 2 e 15 metros quadrados no grupo 3. Para efeitos de comparação, os agricultores incluídos no grupo 4 tinham uma média de 280 metros quadrados de terra dedicada às culturas de interesse, 15 a 20 vezes o tamanho de parcelas nos grupos 1, 2 e 3.

Devido aos tamanhos de terra geralmente maiores em Moamba e Boane, talvez não seja surpreendente constatar que a maior despesa desses produtores no cultivo de tomate e cebola tende a ser com as sementes (ou plântulas). A semente do tomate e da cebola nessas áreas é comprada principalmente em lojas ou outras fontes formais (tais como a casa agrária estatal) nas áreas agrícolas onde eles produzem, embora ocasionalmente também adquiram em lojas da África do Sul, e não há nenhuma clara diferença nos preços da semente por grama encontrada neste estudo entre as diferentes fontes onde as sementes eram compradas (de modo formal ou informal, dentro ou fora da cidade).

Enquanto os produtores da alface e da couve nas Zonas Verdes tendem a vender uma quota maior da sua colheita (pouco vai para o lixo ou para consumo pessoal, para oferta, etc.) em comparação com os produtores de cebola e tomate em Moamba e Boane (ver tabela 7), a análise de regressão mostra que mantendo constantes as culturas produzidas, quanto maior for a terra que um produtor tiver para o cultivo e quanto maior for o investimento em sementes, maior será a quota de sua colheita para venda. No entanto, aqueles que gastam mais com sementes (os produtores de tomate e cebola em M/B) no geral obtêm menores ganhos no lucro líquido de suas vendas. Visto que os produtores de M/B com maiores parcelas de terra estão mais distantes da cidade e têm maiores gastos com o transporte em relação aos produtores das Zonas Verdes, podemos especular que isso provavelmente acontece porque esses agricultores simplesmente não têm os mesmos

benefícios que os produtores localizados dentro ou muito perto da cidade em termos de acesso ao mercado, e enfrentam muitos custos de transacção associados, envolvidos em fazer o seus produtos chegar ao mercado ou aos consumidores que estejam mais dispostos apagar preços mais elevados pelos produtos.

Tabela 7. Share of harvest sold by crop

	Couve	Alface	Cebola	Tomate
Taxa vendida é maior de 2/3erços	100%	89%	50%	71%

Por fim, a análise de regressão indica que a compra de qualquer outro insumo além das sementes tem uma relação negativa (embora insignificante) com as quotas da colheita vendida. De salientar que, potencialmente, isto poderia indicar que a aplicação de menos pesticidas é fracamente correlacionada com maiores quotas da colheita vendida, e da mesma forma que, os que aplicam maiores quantidades de pesticidas não vendem tanto de sua produção, o que pode ser um sinal de resistência de pragas devido à utilização excessiva de pesticidas. De acordo com Snyder et al., 90% dos agricultores nas Zonas Verdes de Maputo usam químicos altamente tóxicos na produção de hortícolas (76% em M/B), e semeiam intensamente com menor diversidade nas culturas. Também, os que estão em grupos inferiores de sofisticação tecnológica (e práticas de manejo de pesticidas) utilizam duas vezes a taxa do ingrediente activo do que os em grupos superiores. Todos estes factores contribuem para a maior e crescente resistência de pragas e a necessidade de aplicar maiores níveis de pesticidas mais tóxicos (Snyder et al 2015).

DISCUSSÃO: Os resultados deste estudo confirmam que os produtores de hortícolas mais próximos da cidade são os que mais ganham em

termos de margens brutas, graças à sua proximidade e facilidade de acesso aos centros de consumo, enquanto os produtores em M/B beneficiam-se das suas grandes áreas de terra cultivada em termos da dimensão das suas operações e da diversificação das culturas que produzem. Nenhum grupo de agricultores aumenta a compra de insumos recomendados (excepto no caso em que terras adicionais possam ser obtidas nas Zonas Verdes), antes, podem existir benefícios que não foram explorados nesta análise que minimizem a quantidade de insumos aplicados. Minimizar o uso de pesticidas entre os produtores de alface e couve do grupo 2 nas Zonas Verdes parece ser uma prática adoptada de forma particular, onde os agricultores gastam uma porção maior de suas despesas colectivas por kg colhido na prevenção de pragas, 6 vezes a quota e 4 a 8 vezes os montantes despendidos pelos seus vizinhos do grupo 3, tecnologicamente mais avançados, ao passo que, ao mesmo tempo, são geralmente caracterizados em termos comparativos como tendo baixos níveis de alfabetização que lhes permitam ler rótulos de produtos (menos de 50%), menor uso de roupa de protecção (caso usem) durante a pulverização (menos de 50% que usam roupa de protecção para além das botas) e menor adesão a outros protocolos comportamentais recomendados no uso de pesticidas (Cairns et al., 2013).

Finalmente, este estudo corrobora a evidência que enfatiza a importância de uma melhor cadeia de valores pós-colheita, especialmente para os agricultores nos distritos próximos de Maputo que poderiam suprir mais a demanda da cidade, pois os custos de transacção poderiam ser minimizados. Infra-estruturas de rodoviárias melhoradas, cadeias de frio, troca de informações e, talvez, a redução de intermediários ao longo da cadeia de valor podem ser recomendações a dar nesse sentido.

REFERÊNCIAS:

Cairns, J., Tschirley, D., & Cachomba, I. (2013). Tipologia dos Produtores de Hortícolas que Abastecem o Mercado de Maputo

Cribb, A. (*forthcoming*). Custos de Produção no Setor Agrícola: Caracterização e Cálculo

Snyder, J., Smart, J., Goeb, J., & Tschirley, D. (2015). Uso de pesticidas na África Subariana: Estimativas, Projeções e Implicações no contexto da Transformação do Sistema Alimentar

Jenny Smart é assessora em pesquisa e análise de dados na Michigan State University. A autora agradece especialmente a Isabel Siteo Cachomba (pesquisadora do IIAM), Bordalo Mouzinho (assistente de pesquisa da MSU) e Jason Snyder (candidato ao Doutorado pela MSU) por sua

ajuda inestimável na recolha e selecção de dados que tornaram este relatório possível; David Tschirley (Professor na MSU), Rafael Uaiene (Professor na MSU), e Francis Smart (candidato ao Doutorado pela MSU) pela sua orientação na análise e redacção; e, especialmente, os entrevistados, pela sua paciência e colaboração durante o inquérito.

O apoio financeiro e material para a realização deste estudo foi providenciado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) em Maputo e da Agência Brasileira de Cooperação (ABC). As opiniões expressas neste documento são da inteira responsabilidade dos autores e não reflectem a posição oficial do IIAM (Instituto de Investigação Agrária de Moçambique), USAID, ou ABC.

Autora para correspondência: Jennifer Cairns Smart (cairnsje@msu.edu).

Tabela 3. Custos padronizados e valores de venda medianos por grupo de cultura

Custos e Vendas (MT/Kg colhida) (medianas)										
Cultura	Obs.	Semente	Plântula /Muda	Fertilizante	Pesticida	Outro	Mão de Obra assalariada	Mão de Obra Temporária / Serviço Contratado	Custos Totais	Valor Vendida Total
Couve	5	0.0	0.1	0.3	0.1	0.0	0.0	0.0	0.9	5.6
Alface	9	0.0	0.3	0.4	0.1	0.0	0.0	0.0	2.9	5.3
Cebola	5	1.5	2.2	0.7	0.0	0.3	0.0	0.3	7.3	13.4
Tomate-1	4	2.8	3.5	2.3	0.0	0.0	0.0	0.0	8.5	9.5
Tomate-4	3	0.0	1.2	0.2	0.4	1.3	0.8	0.4	6.4	11.8
Custos e Vendas (MZN/m2 colhida) (medianas)										
Cultura	Obs.	Semente	Plântula /Muda	Fertilizante	Pesticida	Outro	Mão de Obra assalariada	Mão de Obra Temporária / Serviço Contratado	Custos Totais	Valor Vendida Total
Couve	5	0.0	0.6	1.3	0.4	0.0	0.0	0.0	18.4	20.1
Alface	9	0.1	1.0	1.4	0.5	0.0	0.0	0.0	21.3	22.6
Cebola	5	0.3	0.1	0.1	0.0	0.1	0.0	0.2	1.9	2.2
Tomate-1	4	0.6	0.4	0.4	0.0	0.0	0.0	0.0	2.5	1.3
Tomate-4	3	0.0	0.5	0.1	0.1	0.3	0.5	0.2	2.1	6.8

Tabela 4. Taxa de Custo por Grupo de Cultura

Custo	Couve	Alface	Cebola	Tomate-grupo 1	Tomato-grupo 4
Semente & Mudas	21%	45%	52%	59%	28%
Semente	2%	20%	24%	30%	2%
Mudas	18%	25%	28%	29%	27%
Fertilizante	42%	17%	20%	19%	3%
Pesticida	9%	18%	0%	0%	5%
Outro, incluindo transporte	1%	0%	12%	0%	15%
Mão de Obra	27%	20%	15%	22%	49%
Temporária	0%	2%	15%	18%	19%
Permanente	27%	17%	0%	4%	30%

Tabela 5. Custos padronizados e valores de venda medianos por grupo da tipologia

Custos e Vendas (MT/Kg colhida) (medianas)									
Grupo da Tipologia	Semente	Plântula /Muda	Fertilizante	Pesticida	Outro	Mão de Obra assalariada	Mão de Obra Temporária/Serviço Contratado	Custos Totais	Valor Vendida Total
1	1.6	4.1	2.0	0.0	0.0	0.0	0.0	7.4	1.3
2	0.0	0.8	0.7	0.4	0.0	0.0	0.0	2.6	18.4
3	0.0	0.1	0.3	0.0	0.0	0.0	0.0	1.6	21.3
4	0.2	0.7	0.2	0.1	1.3	0.0	0.6	6.5	2.2
Custos e Vendas (MZN/m2 colhida) (medianas)									
Grupo da Tipologia	Semente	Plântula /Muda	Fertilizante	Pesticida	Outro	Mão de Obra assalariada	Mão de Obra Temporária/Serviço Contratado	Custos Totais	Valor Vendida Total
1	1.1	0.6	0.3	0.0	0.0	0.0	0.0	2.5	12.7
2	0.0	3.1	3.3	1.6	0.0	0.0	0.0	10.6	5.2
3	0.2	0.6	1.3	0.2	0.0	0.0	0.0	6.3	5.6
4	0.0	0.4	0.1	0.0	0.3	0.0	0.2	1.9	11.8

Tabela 6. Taxa de Custo por Grupo da Tipologia

Custo	1	2	3	4
Semente & Mudas	66%	19%	46%	34%
Semente	26%	0%	21%	16%
Mudas	40%	19%	25%	18%
Fertilizante	19%	31%	23%	13%
Pesticida	0%	32%	5%	2%
Outro, incluindo transporte	0%	0%	1%	17%
Mão de Obra	15%	18%	25%	34%
Temporária	12%	4%	0%	21%
Permanente	3%	14%	25%	13%